

relação aos outros do que em relação a si. Em segundo lugar, os "eus" interdependentes representariam a si e aos outros em contextos sociais específicos, enquanto que os "eus" independentes produziriam representações mais abstratas e generalizadas. Pesquisas revelaram que na cultura indiana as pessoas consideram seu "eu" mais semelhante ao de outros do que o outro se considera em relação a ele. Diferente do que em geral é encontrado na cultura americana. Outra pesquisa revelou ainda que sujeitos indianos descrevem mais outros indivíduos de maneira situacional e relacional e não qualidades abstratas e fora de contexto. Por exemplo, os americanos descreveriam genericamente a *qualidade* de uma pessoa como "mão de vaca" ou "pão dura", enquanto que um indiano diria que seu amigo não gosta de contribuir para festas do grupo a que pertence, *contextualizando a ação*, isto é, de que maneira foi realizada a ação, onde e com quem. Sujeitos americanos também procuram descrever mais a disposição interna dos agentes do que seus papéis sociais.

Apesar da emoção ser vista como uma expressão de atividade formada na filogênese e ligada à automanutenção do organismo, é também, em parte, constituída pela cultura, como por exemplo no caso da emoção-sentimento de piedade e patriotismo (Bonin, 1996).

As emoções complexas (tipo emoção-sentimento) dependem do tipo de sistemas de "eu", já que são organizadas através de significados culturais envolvendo ações interpessoais que supõem justificação e persuasão. As emoções podem reforçar uma construção dependente ou interdependente do "eu". Assim, emoções como frustração e agressão ou de orgulho (gabar-se) podem ser denominadas de "focalizadas no 'eu'". Um indivíduo que diz que correu mais do que seu companheiro sendo, portanto, melhor do que ele, demonstra um sentimento egoísta. Para um sujeito de ego interdependente, isto é visto como uma dificuldade para uma harmonia grupal. Para que haja harmonia é mais importante demonstrar solidariedade e até mesmo timidez. Pessoas de culturas européias, com as quais a americana está relacionada, provavelmente também seriam fonte de um *self* independente. Nas culturas ocidentais ainda se discute se é necessário expressar ou controlar a emoção. Já para os japoneses em geral, é óbvio que certas emoções têm que ser controladas.

A motivação se revela através de seqüências de ações para atingir um objetivo maior, na teoria histórico-cultural (Leontiev, 1978, 1984). Nas culturas que enfatizam o "eu" independente, as motivações estão ligadas a necessidades de expressar realização individual. Assim, o indivíduo procura ser bem sucedido, realçar sua auto-estima e aumentar a auto-realização. Por outro lado, os "eus" interdependentes consideram mais importante demonstrar e desenvolver motivações sociais, como é o caso de socorrer e proteger os outros, afiliar-se, procurar ser modesto e agir segundo expectativas de seus pares. Pode-se propor que motivos como autoconsistência, auto-realização e auto-análise, terão suas formas e intensidades dependendo do tipo de "eu". Estudos revelam que motivação para autoconsistência é menor em culturas que enfatizam o *self* interdependente; neste caso, os indivíduos valorizam mais os papéis e obrigações sociais que seus motivos privados de coerência. Por exemplo, um indivíduo do tipo acima pode dizer para si: "para ser coerente eu penso desta maneira, mas devo agir segundo as regras de meu grupo".

Em geral, os motivos ligados à realização em sujeitos do tipo acima estão principalmente mais ligados à realização e sucesso do grupo e da família do que relacionados a padrões de excelência e coerência pessoal. Neste caso, por exemplo, espera-se que um líder seja protetor e orientador como um pai, e que os membros do grupo realizem harmonicamente suas tarefas, em vez de competir.

### Considerações finais

De início, concluiu-se a necessidade das ciências sociais se posicionarem aos achados das ciências biológicas, principalmente no que diz respeito ao comportamento animal. O indivíduo como ser corpóreo, incluindo seu sistema nervoso e hormonal, não pode ser ignorado. Ao se estudar a vida social de populações de diferentes faixas etárias não é possível ignorar os aspectos biológicos *específicos* das diferentes fases da vida, como é caso da infância, da adolescência, da vida adulta e da velhice.

As relações entre indivíduo e sociedade/cultura são complexas e envolvem pesquisas com conceitos de difícil definição. Assim como os antropólogos ainda debatem o conceito de cultura,

também os sociólogos divergem quanto ao conceito de instituição social.

Procurou-se utilizar em grande parte as idéias de que a sociedade não paira sobre os indivíduos e sim é o conjunto das relações interpessoais. Estas são cruciais para conceituar instituições, atividades culturais e o "eu". Considerou-se importante enfatizar o papel da pessoa sem incorrer em um solipcismo ou individualismo exacerbado, mostrando que o "eu" é construído na vida social e que esta constitui as atividades e habilidades dos sujeitos na sua vida emocional, motivacional e cognitiva.

É importante salientar que alguns autores, como Goodnow, Bourdieu, Foucault e Habermas, sugerem que grupos e indivíduos apresentam resistências a práticas e valores culturais "globais" contrárias às suas identidades grupais e pessoais. É então necessário estudar a relação dialética entre valores globais, nacionais e regionais. Os valores culturais afetam a aquisição de conhecimentos e habilidades. As preferências e julgamentos estéticos, morais e acadêmicos são afetados por esses processos. Também as práticas de poder e exclusão, regras de expressão e consenso e tipos de comunicação dependem da sociedade/cultura em que os indivíduos foram criados. Por exemplo, indivíduos de determinados grupos sociais têm seus gostos musicais ligados à sua identidade cultural e resistem a mudanças.

É importante considerar que, apesar de o indivíduo ser concebido como um produto da história e da cultura, é também um ser intencional e criativo, em constante transformação, e que, coletivamente, pode mudar o próprio processo cultural que o constitui.

Esta perspectiva supõe a utilização de diferentes métodos de pesquisa ainda sobre os quais ainda não existe consenso. Por exemplo, até que ponto um relato verbal se relaciona com as práticas reais dos indivíduos? Como é possível traduzir conceitos sobre emoção em diferentes culturas? Será que as atividades culturais afetam somente a expressão ou o estilo emocional/motivacional, ou constituem um processo básico?

Um dos maiores problemas ao pesquisar os temas acima apresentados está relacionado ao fato de que nas culturas não existem grupos totalmente homogêneos, ou seja, existem variações tanto individuais como subgrupos. Fica difícil, por exemplo,

falar em cultura japonesa, já que esta não é homogênea e sofreu transformações no decorrer da sua história.

O fato de o indivíduo pertencer a um grupo interdependente não significa, necessariamente, que se sinta interdependente ou solidário em relação a outros grupos e à humanidade em geral. Um tema importante para a Psicologia Social é como desenvolver a solidariedade em relação a outros grupos, superando um certo etnocentrismo e desenvolvendo um sentimento que não se restrinja ao próprio grupo, mas que englobe também a humanidade.

Em países como o Brasil existem inúmeras variações culturais. Apesar disso, pode-se dizer que existem valores, preferências e maneiras de comunicação que são comuns e perpassam as diferenças culturais internas. Existem questões teóricas difíceis em relação a este tema.

### Leituras complementares recomendadas

ANTHROPOS. Revista de documentación científica de la cultura. Barcelona, n. 156, mayo, 1994. – Apresenta um panorama da Psicologia Social latino-americana, incluindo temas de Etnopsicologia ou, em outros termos, Psicologia Cultural.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. – Nesta obra é discutida profunda e extensamente a relação entre indivíduo e sociedade de maneira original.

LANE, Sylvia Maurer & CODO, Wanderley. (Orgs.) *Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1984. – Um importante livro de Psicologia Social realizado no Brasil, que contém temas referentes a questões sobre o indivíduo e sociedade, em diferentes contextos sociais.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. – É uma interessante introdução aos diferentes usos do conceito de cultura. A leitura é agradável, com inúmeros exemplos.

LURIA, Alexandre. *Desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Ícone, 1990. – Um dos poucos livros em língua portuguesa que trata da relação entre cognição e cultura. Contém inúmeras pesquisas e é uma obra clássica de fácil leitura. Continua importante, apesar de ter sido escrita há algumas décadas.